



Psicología: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Batista Guarnieri, Cecilia; Leme Silva, Maria Eduarda
Reseña: El mágico número tres: Cuando los niños aún no hablan
Psicología: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 1, 2004, pp. 1-3
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817102>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

Resenha: *El mágico número tres: Cuando los niños aún no han*

Cecilia Guarnieri Batista¹
Maria Eduarda Silva Leme
Universidade Estadual de Campinas

Como abordar o início do conhecimento em bebês que ainda não falam? Esse foi o desafio que Rodríguez e Moro se propuseram a enfrentar, remetendo, primeiro, a Piaget, autor com quem concordam no que se refere à concepção de que o conhecimento é construído. Apresentam, a seguir, suas discordâncias, criticando a ênfase desse autor na interação exclusiva com o objeto, e sua concepção de um sujeito solipsista, que vai construindo solitária e isoladamente o conhecimento.

Contrapõem a essa concepção as idéias de Vygotsky, dando especial destaque à noção de mediação semiótica. Consideram, entretanto, que essa noção tem sido reduzida à de mediação lingüística, o que deixa de fora meios menos elaborados de mediação semiótica. É a busca da compreensão destes outros processos semióticos que orienta seu estudo, voltado para bebês que ainda não falam, e que já apresentam várias formas de interação com o adulto, bem como de manuseio de objetos.

Ao mesmo tempo, as autoras criticam concepções dualistas de desenvolvimento, que contrapõem mundo físico a mundo social, pensamento a comunicação, aspectos cognitivos (internos) a aspectos sociais (externos). Realizam extensa revisão crítica da literatura recente, em que diferentes autores acabam centrando-se em um ou outro pólo dessas dicotomias.

Preconizam que uma epistemologia antidualista necessita uma pragmática do objeto. Deve levar em conta que os objetos têm usos, e estes são fruto de convenção social. Os objetos assumem significados socialmente compartilhados, construídos na interação social, passando, assim, a ser signos de seu uso. Trata-se, portanto, de uma concepção de objeto

Uma vez que se trata de be autoras consideram necessária mediação lingüística para o de mediação linguística, que essa foi a proposta original segundo elas, ao de mediação linguística. Para tanto, recorrem a Peirce², bastante abrangente, tendo sido elaborado dos signos, considerando a arbitrariedade e convencionalidade em conta outras formas de significação. Consideram que o sistema de signos surgiu nos primórdios do uso de signos, próximos ao “objeto”, mas já trazendo até os mais arbitrários. Isso é dividido em primeiridade, segundidade e terceiridade, correspondentes ícone, índice e sinal, graus progressivos de aquisição e convencionalidade. Além disso, da teoria de Peirce à psicogênese da aquisição, principiando na primeiridade, passando pela segundidade, até a terceiridade. Utilizam-se as teorias de Peirce de que o signo é inferência, a inferência é a mão do conceito de inferência, a inferência é o processo pelo qual a criança aprende, aproximando do uso convencional, interação com o adulto e tendo como resultado muito rudimentares e gradualmente convencionais -, a criança forma um sistema de significação.

obre o que fazer com os objet

encaixadas peças nas formas correspondentes. Na parte frontal da cabine estava desenhado um rosto sorridente.

Todas as sessões foram filmadas e transcritas com detalhes. As categorias de observação eram as seguintes: atenção, emoção, uso não canônico do objeto, utilização preliminar³ ao uso canônico do objeto, uso canônico (ou convencional) do objeto e mediadores comunicativos desses usos. Entre os usos canônicos para o caminhão incluíam-se “colocar peças sobre a área de encaixe”, “fazer movimentos (corretos e incorretos) até o encaixe” e “colocar peças pela porta traseira”. Para o telefone, incluíam-se “girar o *dial*” e “telefonar” (com o fone junto à orelha, mesmo que em posições diferentes da convencional). Como exemplo de utilização preliminar ao uso canônico, incluíam-se, para o caminhão, “bater com a peça sobre a plataforma de encaixe” e “colocar o dedo num dos orifícios para encaixe” e, para o telefone, “tirar o fone do gancho” e “trazer o fone para perto de si”. Entre as categorias de mediadores comunicativos, incluíam-se “mostrar o objeto, segurando-o na mão⁴”, “apontar partes específicas do objeto (Ex.: um orifício específico de encaixe)” e “fazer demonstrações de uso”.

Na definição dessas categorias, foram apresentadas modalidades das mesmas, indicando variações de circunstâncias e objetos envolvidos. As autoras não as consideraram como um sistema fechado de subcategorias. Ao invés disso, realizaram uma análise quantitativa compreendendo contagem de freqüências das categorias mais abrangentes e uma análise qualitativa dessas variações e modulações. Essa análise baseou-se em relatos de episódios “completos”, com descrição de ações e reprodução de falas e, também, em relatos de ocorrências mais pontuais de variações das categorias centrais. Um exemplo se refere à categoria relativa a uso canônico de objeto “falar ao telefone”, da qual foram destacadas as seguintes variações: “com fio ao contrário”, “com fone no ombro” e “com fone no ouvido”.

Os resultados mostraram que, aos 7 meses, os bebês utilizavam os objetos de modo indiferenciado, não canônico.

segurando-os e não indicando-os⁵. Em tese, os bebês, segundo Peirce, consideram que aos 7 meses o objeto é só o signo de seu uso convencional.

Ao mesmo tempo, as autoras sugerem que a ação do adulto sobre o objeto têm o efeito de orientar a ação da criança, de desse objeto, demonstrar uma seleção de ações possíveis, enfim, promover recortes que dirigem a atenção da criança e contribuem para a passagem da primeira para a segunda infância. A significação do objeto só aparece quando a ação vai passando a ser indicial para a criança, quando a criança vai estabelecendo uma maior proximidade com o uso convencional. Os mediadores comunicativos do adulto contribuem para a progressão da ação da criança, que vai passando de ações elaborados, aproximando a criança dos usos convencionais do objeto.

Os resultados relativos à faixa etária de 7 a 13 meses mostraram que os bebês utilizavam os objetos de modo canônico, não canônico, preliminar e convencional. Nessa idade, os bebês começam a brincar com os objetos de modo canônico e a tomar iniciativas. Segundo Peirce, considera-se que o objeto comumente usado por crianças dessa idade, que é o brinquedo, seu uso: converte-se em *representamen* que mapeia o mundo, de tipo convencional com seu objeto imediato. As autoras comentam que esse uso canônico muitas vezes é mais amplo que o adulto o havia sugerido, com generalizações amplificadas por redundâncias. Ao mesmo tempo, as crianças dessa idade, os adultos realizavam ações de mostrar e demonstrar, com o objeto na mão, de apontar, de indicar direção.

Aos 13 meses, as autoras observaram uma redução na freqüência dos usos canônicos e das exigências convencionais (Ex.: apontar uma abertura específica de encaixe, trazer o objeto até *este* encaixe). Observaram, entretanto, uma redução do mostrar e demonstrar em relação ao período anterior, e aumento na freqüência dos usos indiferenciados. Constataram, ainda, diferenças nas formações de uso, com a presença de um e de outro objeto. Com isso, pode-se explicar a homogeneidade de uso convencional.

Reseña do libro: Rodríguez, C. & Moro, C. (1999). El mágico número tres: Cuando los niños aún no hablan (Colección: Temas de Psicología)

autoras argumentam que, se não fosse assim, os usos convencionais estariam presentes aos 7 meses.

Consideramos que o livro traz várias contribuições interessantes, tais como a integração teórica entre a concepção de mediação por signos de Vygotsky e a semiótica de Peirce, que permitiu captar o início dos processos semióticos em bebês que ainda não falam.

Além disso, as autoras conseguem uma abordagem não dualista, em que as relações entre “criança que ainda não fala”, “objeto com significado cultural” e “adulto mediador” são concebidas formando um triângulo, como unidade indivisível para a compreensão do início da construção do conhecimento. A concepção do objeto segundo uma perspectiva pragmática resgata sua dimensão social, relegada a segundo plano em grande parte dos estudos sobre o desenvolvimento.

O modo de realizar a análise de dados trouxe a combinação de modalidades quantitativas e qualitativas de análise. A quantificação foi centrada nas categorias amplas, e envolveu o cômputo de freqüências simples ou de dados percentuais das mesmas, trazendo um panorama geral da distribuição dessas categorias nas diferentes faixas etárias. Ao mesmo tempo, as modulações e variações foram apresentadas de modo qualitativo, a partir de uma retomada constante dos protocolos de transcrição, com destaque de elementos significativos para os objetivos do estudo. Isso pode ser exemplificado pela análise dos usos do telefone. A análise quantitativa indicou um aumento da freqüência da categoria abrangente “usos canônicos”. Por outro lado, sem quantificação das subcategorias possíveis, foram descritas mudanças na forma que esses usos assumiam. Dessa forma, foi apontado o aumento do “falar ao telefone com o fone no ouvido na posição convencional”, e a redução do “falar ao telefone com o fio ao contrário” ou “com o fone no ombro”.

Uma crítica que poderia ser feita é que o autor selecionou como uso canônico o de encaixe, e não a de rodar o caminhão. Tivesse sido mais interessante analisar os encaixes, e não de um caminhão. Na mesma direção, o telefone não nos parece a melhor escolha para o selecionado referiu-se à simulação.

O livro traz, dessa forma, significativa contribuição metodológica ao estudo do desenvolvimento infantil. Aborda a questão da aquisição de objetos a partir da interação entre o bebê e sua mãe, como adulto mede a cultura em que estão imersos. Desenvolve conceitos da semiótica de Peirce, com uma perspectiva psicogenética, para a compreensão das formas iniciativas que já estão presentes antes da linguagem. Aponta uma lacuna nas formulações da mediação semiótica no sentido de abordagem às relações entre representação e uso convencional, uma trilogia que inclui, por exemplo, o "mágico número três".

Referências

- Nöth, W. (1995). *Panorama da semiótica: De Peirce a D'Oliveira*. São Paulo: Abril.

Peirce, C. S. (1974). *Escritos coligidos* (Col. Seleção) (A. M. D'Oliveira, trad.). São Paulo: Abril.

Rodriguez, C. & Moro, C. (1999). *El mágico hablan*. Barcelona: Paidós.

Santaella, L. (2001). *O que é semiótica*. São Paulo: Abril.

***MESTRADO E DOUTORADO
PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO***

2004

Se você é graduado em Psicologia, tem um bom domínio da língua inglesa e deseja se preparar para ser um pesquisador, professor universitário, ou mesmo um profissional de alta qualificação, o Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul é o local que você procura. Desfrute de um ambiente acadêmico estimulante, onde alunos e professores se encontram diariamente, com dedicação integral ao estudo e à pesquisa. Escreva-nos para obter mais informações.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÃO

UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Instituto de Psicologia

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

Secretaria de PPG em Psicologia do Desenvolvimento – UFRGS